



PROPOSIÇÕES E PISTAS CARTOGRÁFICAS NOS ESTUDOS DE GÊNERO E DAS SEXUALIDADES

Daniel Kerry dos Santos¹
Fernando Silva Teixeira Filho²

Este trabalho decorre de uma pesquisa³ realizada entres os anos de 2008 e 2009 na cidade de Assis-SP, onde procuramos cartografar as vivências da homossexualidade numa cidade interiorana. Nossa intenção foi acompanhar, a partir de narrativas de vida, como sujeitos que se autodenominam homens homossexuais significam as experiências de si frente à regulação e à vigilância da homofobia e do “armário”. Também procuramos problematizar como, quando, quanto e onde a homossexualidade está legitimada (ou não) a ser vivida no cerceado território da cidade pequena.

Neste artigo gostaríamos de destacar algumas reflexões sobre os *percursos metodológicos* trilhados durante essa pesquisa, a fim de contribuir para uma discussão a respeito do uso da cartografia nos estudos de gênero e das sexualidades. De início, salientamos que não é possível estabelecer receitas e procedimentos específicos, nem um conjunto de regras definidas *a priori* para a prática da cartografia. Apresentamos, desse modo, *pistas*⁴ que nos serviram como ferramentas no fazer cartográfico orientado para nossas problemáticas e nosso campo. Esperamos, nesse sentido, que a nossa experiência de pesquisa, a partir do referencial proposto, possa servir como elementos de problematizações coletivas sobre a temática em questão.

Por um olhar cartográfico sobre as sexualidades

Para falar de cartografia enquanto “metodologia” é sempre necessário suspender algumas concepções clássicas da noção de método e de epistemologia da ciência. Para estas, o conhecimento é produzido a partir de uma ação ativa do sujeito cognoscente sobre um objeto pronto a espera de ser desvelado. Há uma nítida separação entre sujeito (transcendente, universal e a-histórico) e

¹ Psicólogo pela Unesp/Assis e mestrando em Psicologia pela UFSC sob orientação da professora Dr^a. Mara Coelho de Souza Lago.

² Doutor em Psicologia pela PUC-SP e professor assistente da Unesp/Assis.

³ Pesquisa de iniciação científica intitulada “Homofobia, processos de subjetivação e construções de identidades de gênero na cidade de Assis”, financiada pela FAPESP.

⁴ Inspiramos-nos na idéia de “pistas cartográficas” tal qual sugerida por Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia no livro “Pistas do Método Cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade” (Porto Alegre: Sulina, 2009).



objeto (natural, acabado e imutável). Segundo Prado-Filho (2006, p. 23) “o sujeito da epistemologia tradicional é o sujeito transcendental kantiano, que no exercício de sua razão, apropria-se das regras de produção do conhecimento e, aplicando-as adequadamente, produz uma verdade confiável sobre o objeto”. Diferentemente destas correntes indutivistas e experimentais, existem também as correntes relativistas, as quais visam relativizar o primado do sujeito racional e de suas verdades, mas que, no entanto, buscam uma *reforma* da ciência, de modo que a mesma continua acupando seu espaço privilegiado de produção do saber. Porém, Prado-Filho (2006) irá apontar que Nietzsche e Foucault estabelecem uma ruptura radical na ciência, problematizando seus regimes de verdade e as relações de poder que emanam de saberes científicos datados historicamente. Este autor irá defender que na verdade há no pensamento de Nietzsche e Foucault uma contra-epistemologia que definirá o que se pode chamar de olhar perspectivista, o qual “[...] não tenta substituir uma verdade por outra “melhor” ou “mais objetiva”, mas coloca-se no jogo do discurso como visada histórica possível entre outras (PRADO-FILHO, 2006, p. 29).

Talvez seja nessa mesma linha perspectivista que podemos situar os princípios cartográficos tais como propostos por Deleuze & Guattari (1999). Como diria Guattari (1992) a existência e o ser não são unívocos, portanto não podemos reduzi-los à signos, significados, significantes, símbolos ou qualquer forma de representação. “A existência não é dialética, não é representável. Mal se consegue vivê-la!” (GUATTARI, 1992, p. 66). Frente a essa problemática, o mesmo autor sugere que optemos por uma escolha ética crucial: “ou se objetiva, se reifica, se ‘cientificiza’ a subjetividade, ou ao contrário, tenta-se apreendê-la em sua dimensão de criatividade processual” (GUATTARI, 1992:24). O olhar cartográfico sobre as sexualidades e as subjetividades, tal qual utilizado por nós, baseia-se mais na segunda opção, a partir da qual pode-se atribuir à subjetividade um possível caráter estético, ou seja, passível de ser constantemente (re)criada e (re)inventada.

No intuito de descentrar o sujeito na hierarquia da produção de conhecimento, Passos e Benevides (2009, p. 17) propõem uma reversão etimológica do *método* (*metá* = reflexão, raciocínio, verdade e *hódos* = caminho, direção). Segundo os autores: “a reversão, então, afirma um *hódos-metá*. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisador sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados”.

Como já podemos notar, a cartografia busca se desligar de concepções clássicas de ciência, que pressupõem a separação entre objeto e sujeito configurando-os como categorias transcendentais. O olhar cartográfico não estabelece essa distinção, mas procura se debruçar sobre



figurações históricas em movimento permanente, significadas a partir de determinados regimes de enunciação.

A feminista deleuzena Rosi Braidotti (2000), ao sugerir que pensemos em perspectivas que subvertam os modos convencionais de representação das subjetividades, sublinha a necessidade de problematizarmos o que ela chama de *figurações nômades* do sujeito. Segundo a autora, uma *figuração*:

referencia a um estilo de pensamento que evoca ou expressa saídas alternativas a visão falocêntrica do sujeito. Uma *figuração* é uma versão politicamente sustentada de uma subjetividade alternativa. [...] as *figurações* são imagens de base política que retratam a interação complexa de diversos níveis de subjetividade. (BRAIDOTTI, 2000, p. 26, 30)

Deste modo, uma pesquisa cartográfica sobre sexualidades e subjetividade, como a nossa, não busca modelos explicativos e representacionais, mas sim acompanhar processos, como sugere Kastrup (2009), e delimitar problemáticas acerca de como se dinamiza a constituição do sujeito no “entre forças” do campo social. Segundo Fernández (2008), *pensar problemas* seria mais do que aplicar modelos teóricos: demandaria constantes interrogações que façam com que o “invisível opere visibilidade e o impensado se torne enunciável”. Assim, “tenta-se sustentar uma tensão, ou seja, manter uma *incomodidade* como caução metodológica frente à consolidação de certezas que, enquanto tais, correm o risco de deixar de operar como ferramentas, para instituir regimes de verdade” (FERNÁNDEZ, 2008, p. 31).

Uma alternativa de análise cartográfica seria acompanhar de que forma as narrativas dos sujeitos em questão enunciam regimes de verdade, os ditos e não-ditos de determinados regimes de enunciação. Entendemos que os enunciados do dispositivo da sexualidade foram capazes de produzir um laço social heteronormativo. Quais são os efeitos desse laço social? Quais estratégias do desejo se põem a funcionar para escapar dele? Quais os modos de subjetivação envolvidos no rompimento (ou afirmação) desse laço? Entendemos que os sujeitos que não compartilham desse laço social, ou seja, as pessoas LGBTT (lésbicas, gueis, bissexuais, travestis e transexuais) ou mesmo pessoas que não se identificam com essas identidades sociais, mas que possuem práticas homoeróticas, ocupam um território onde são eles mesmos sujeitos e enunciado. Como mostra Deleuze (2005:20): “A relação entre enunciado e um sujeito variável constitui ela mesma uma variável intrínseca do enunciado”. Assim sendo, um mesmo enunciado pode ter várias posições, vários lugares de sujeito, os quais não são aspectos de um *eu*, mas derivam do próprio enunciado. Ou seja, um objeto ou um sujeito discursivo (enquanto figuras correlativas às estratégias de saber-poder de um dado dispositivo) não advém de uma variável extrínseca, tampouco de uma instância individual transcendente, mas é efeito do próprio enunciado.



Consideramos, portanto, a construção de uma suposta identidade homossexual como efeito enunciativo de dispositivos e que, como tal, está inscrita em regimes de enunciação, a partir de diferentes estratos históricos. Assim, cabe indagarmos sobre os modos de subjetivação produzidos a partir de determinados enunciados, discursos e práticas. Fernández (2008) propõe que direcionemos esses questionamentos a partir de um *campo de problemas da subjetividade* que habilite pensarmos a noção de subjetividade indagando os processos de sua produção ao invés de concepções substancialistas e essencialistas ou de invariantes universais. Segundo essa autora, um *campo de problema* é atravessado por múltiplas inscrições:

desejantes, históricas, institucionais, políticas, econômicas, etc. [...] este modo de pensar pretende superar os reducionismos necessários às lógicas de objeto discreto que se delimitaram nos momentos fundacionais das ciências humanas [...] para abrir modos de indagação por critérios multireferenciais que dêem outra inscrição à imbricação do “individual” e do “coletivo” nos processos de produção de subjetividade. (FERNÁNDEZ, 2008:28).

Nessa mesma linha de pensamento, Rolnik (2007) salienta que a política de produção do social seria a própria produção do desejo. Desse modo, social e desejo não são dicotômicos, pois são co-extensivos. Sendo assim, o que se deve estar atento ao desenho das cartografias, segundo Rolnik, seriam dois tipos de olhares: o *macropolítico*, o qual capta o plano dos territórios e do visível a “olho-nu” e que se relaciona às linhas duras, e o *micropolítico*, mais próximo aos movimentos das linhas flexíveis e de fuga.

Mas como articular essas perspectivas teóricas aos estudos de gênero e das sexualidades? Ora, apesar da prática da cartografia não ser muito difundida nessas áreas, podemos encontrar problematizações semelhantes em alguns pensamentos feministas, nos estudos de gênero e principalmente nas teorias Queer. Uma afinidade conceitual possível de se estabelecer entre essas perspectivas diz respeito à questões importantes como a crítica ao sujeito moderno, aos universais, aos binarismos, à substância metafísica do ser, ao falocentrismo, à racionalidade científica, à historicidade de nossas práticas, às relações de saber-poder, etc. Todas essas críticas podem ser claramente encontradas a um nível de discussão muito profundo em obras como de Donna Haraway (1995), Judith Butler (1998, 2003), Rosi Braidotti (2000), entre muitas outras. Essa preocupação em desmontar o sujeito transcendental também está presente no olhar do cartógrafo que procura “entender”⁵ as intensidades que se passam entre os corpos e os modos de subjetivação.

Gostaríamos de discutir a seguir como nos apropriamos desse olhar e fazer cartográfico no decorrer de nossa pesquisa sobre homofobia e processos de subjetivação numa cidade interiorana,

⁵ “Entender”, na perspectiva da cartografia, “[...] não tem nada a ver com explicar e muito menos com revelar [...] não há nada acima – céus da transcendência-, nem embaixo – brumas da essência. O que há [...] são intensidades buscando expressão.” (ROLNIK, 2007, p. 66).



onde entrevistamos⁶ quatro pessoas de idades distintas (18, 24, 36 e 61 anos) que se autodenominam homens homossexuais.

Cartografias do armário⁷: acompanhando os movimentos do desejo nas narrativas de homossexuais de uma cidade do interior paulista.

Como pesquisar problemas “invisíveis a olho nu”? Como apreender uma dimensão micropolítica dos efeitos da heteronormatividade, das violências das normas, da homofobia? Quais as estratégias do desejo para adquirir matérias de expressão num território marcado pela vigilância e pela pessoalidade das relações? Como sujeitos que se autodenominam homens homossexuais estilizam a própria existência a fim de torná-la habitável, mesmo diante a impossibilidade instituída de poder expressar seus afetos? A homofobia é capaz de capturar totalmente o desejo, ou é possível encontrar brechas e fissuras, por onde ele flui e se expressa? Essas eram algumas perguntas que compunham nosso roteiro de preocupações e que foram problematizadas no decorrer de nossa pesquisa.

Algo que já nos incomodava e que se fazia presente em nossas discussões e em nossas experiências profissionais e pessoais, era o fato de a homossexualidade numa cidade pequena ser muito mais vigiada, regulada e cerceada por um elemento que a maioria dos moradores desse tipo de lugar conhece: “*todos sabem da vida de todo mundo*”. De que forma, então, a homossexualidade pode ser vivida, reinventada e estilizada neste território rígido e endurecido, de anonimato quase impossível?

Para tentar pensar essas questões num campo de problemas, sabíamos que não poderíamos estabelecer critérios para representar os modos de vida, mas que o que estava ao nosso alcance era acompanhar processos de como o desejo se modula frente às injunções normativas postas no campo social. Entendemos desejo numa perspectiva deleuzeana, como uma criação de mundo: “uma verdadeira fabricação incansável de mundo” (ROLNIK, 2007, p.47). O desejo não se remete necessariamente a uma interioridade, mas está no mundo e é produzido no “entre” de um plano de forças. Quando tomado como interioridade, ele se captura, fica impossibilitado de estabelecer novas

⁶ Realizamos entrevistas abertas e áudio-gravadas (e posteriormente transcritas) a fim de ouvir narrativas de vida. Pretendíamos dar passagem aos modos de como os sujeitos experienciam a (homo)sexualidade na cidade. Registrar e escrever o contado é mais uma forma de se construir uma mapa cartográfico (MAIRESSE, 2003).

⁷ “Armário” é um termo corrente tanto popularmente, para se referir aos homossexuais não-assumidos (dentro do armário) ou aos assumidos (“fora do armário”), como também fora apropriado pelos Estudos Gays e Lésbicos e pelos Estudos de Gênero. A expressão traz consigo as questões de binarismos bem delimitados durante a modernidade: privado – público; segredo – revelação. O “Armário” seria uma das figuras emblemáticas concernente à questão da homossexualidade, a partir do final do século XIX, além de ser “[...] uma estrutura definidora da opressão gay no século XX” (SEDGWICK, 2007, p. 26). O armário é sustentado por complexas produções discursivas sobre as homossexualidades, funcionando como um elemento importante para a manutenção da homofobia e de uma ordem sexual heteronormativa.



conexões, e aprisiona-se num território existencial cristalizado. Desse modo, o desejo, em suas vias de expressão, traça percursos rizomáticos⁸: potencialmente pode se expressar e se conectar a uma multiplicidade de direções, produzir ilimitados mundos, estetizar a vida. Por outro lado, pode também se segmentarizar, se territorializar, perder a capacidade de reinvenção de mundos e de si. Rolnik (2007), seguindo o pensamento de Deleuze e Guattari, indica-nos que a formação do desejo no campo social é efeito da relação imanente entre três linhas: 1) a linha visível ou linhas duras, da organização dos territórios, dos planos de estratificação; 2) a linha da simulação ou linhas flexíveis, dos territórios instáveis e ambíguos que desterritorializa e volta a se territorializar e 3) a linha dos afetos ou linhas de fuga, do invisível, do devir, do plano de imanência e das desterritorializações. Deleuze e Guattari nos indicam a processualidade e dinâmica dessas linhas:

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas de segmentaridade explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Essas linhas não param de se remeter umas as outras. É por isso que não se pode contar com o dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom ou mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem o sujeito [...]. (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 18)

Em nossa pesquisa tínhamos o intuito de cartografar as estratégias do desejo no campo social, procurando acompanhar, a partir de narrativas de vida, como as linhas rizomáticas do desejo, frente à homofobia e ao “armário”, criam consistência produzindo territórios existenciais e a própria realidade. Para fins de análise das narrativas, resolvemos “separar” as linhas em três platôs⁹ os quais chamamos de: 1) O armário trancado com cadeado – Linhas Duras; 2) O Armário de portas fechadas – Linhas Flexíveis; e 3) O Armário aberto – Linhas de fuga. É importante salientar, no entanto, que *as linhas são imanentes e que na verdade é impossível separar uma da outra*. Essa separação só nos serviu em sua função analisadora.

Procuramos, a partir das narrativas ouvidas, “rachar as palavras e extrair delas os enunciados”, como diria Deleuze (1992), para assim apreendermos os conteúdos político e existencial dessas falas. Acompanhar os movimentos do desejo, a partir do uso de narrativas, estava

⁸ Segundo Deleuze e Guattari (2009, p. 32), o rizoma “conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um dos seus traços não remete necessariamente a traços da mesma natureza [...] ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda”

⁹ Segundo Deleuze e Guattari (1999), os platôs são regiões de intensidades contínuas que vibram sobre elas mesmas. Para Rolnik (2007) os platôs são compostos pelas latitudes dos corpos, ou seja, emergem da dinâmica das ondas e vibrações dos afetos, nos encontros dos corpos. Assim, quando pensamos nossas cartografias a partir da idéia de platôs, colocamos nossas análises num plano de imanência, numa rede complexa onde se conectam diversos caminhos por onde podemos pensar as multiplicidades das relações, da existência e dos processos de subjetivação. Tentamos não cair em explicações transcendentais, mas sim articular a produção do desejo aos agenciamentos coletivos de enunciação. Procuramos, desse modo, dar visibilidade às estratégias do desejo presentes nas narrativas dos entrevistados.



articulado àquilo que Passos e Benevides (2009) denominam de políticas da narratividade. Segundo os autores:

[...] podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e de mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político. (PASSOS & BENEVIDES, 2009, p.151)

A partir das narrativas e observações construídas no percurso cartográfico pudemos dar alguma visibilidade política e teórica aos processos de subjetivação e às experiências e vivências da homossexualidade numa cidade do interior. Vimos que a homofobia e a própria experiência do armário não se limita a um simples sentimento ou ação redutível ao indivíduo, mas é efeito de complexas produções discursivas que objetivam a gestão, seja do homem-corpo, dos planos moleculares; seja do homem-espécie, dos planos molares que constituem as populações (FOUCAULT, 1988; 2002). Nesse sentido, a homofobia se materializa a partir de práticas discursivas que circulam por entre territórios e constituem os sujeitos a partir da delimitação de relações de poder, além de instituir modos de subjetivação hegemônicos.

As histórias ouvidas nos trouxeram impressões diferentes das que esperávamos encontrar no começo da pesquisa. Achávamos, por exemplo, que as gerações mais novas seriam mais “abertas” e mais “livres” na relação com suas sexualidades, enquanto que as mais velhas seriam mais conservadoras. Esse “achismo” – claro que carregado de impressões estereotipadas - foi logo derrubado, ao percebermos que a idade cronológica não era necessariamente um fator determinante na relação do sujeito com a sexualidade e com o armário.

Deste modo, observamos que embora não possamos prever o que realmente seja uma experiência, característica e/ou contexto específico que faça com que alguém “saia” do armário, verificamos que há muita diferença no tipo de vida daqueles que conseguem flexibilizar um trânsito “entre os armários”. Não estamos querendo dizer com isso que sair do armário seja um fim, mas apenas apontando para o fato de que nos pareceu que aqueles que saem dele conseguem viver de forma mais próxima ao que desejam. Isso não alivia, nem retira qualquer angústia existencial. Ao contrário, pode trazer sofrimento já que implica numa possível rejeição dos outros. Entretanto, as histórias ouvidas deixam entrever que, ao “sair do armário”, alguns sujeitos conseguem se posicionar de modo afirmativo em relação ao desejo, possibilitando vias de passagem e efetuação do mesmo. Já aqueles que não conseguem sair do armário ou flexibilizar um trânsito “entre os armários” parecem sofrer de uma nostalgia de uma experiência não vivida. Para alguns de nossos informantes, o sair-do-armário não implica em uma produção identitária específica, mas sim em se



deixar afetar e ser afetado por um desejo não-heterossexual, uma paixão homoerótica, um acontecimento entre seres humanos que, por coincidência, têm o mesmo sexo biológico. Isto é, vivem a sexualidade e as experiências afetivas não como um fim, mas um meio para a construção de territórios existenciais habitáveis.

Outras impressões iniciais, no entanto, foram confirmadas. Destacamos aqui aquela que diz respeito à questão da territorialidade das cidades pequenas e a sua implicação na vigilância e no controle da população local. Nossas experiências pessoais já nos mostravam que a personalidade, enquanto uma forte marca nas relações sociais na cidade, era um fator importante nas possibilidades de expressão pública da homoafetividade. Por estar localizada no chamado “sertão paulista”, a cidade, que tem uma economia basicamente sustentada pelo comércio e pelos grandes latifúndios, ainda conserva valores morais que dificilmente encontraríamos em cidades cosmopolitas ou em algumas metrópoles brasileiras.

Concordamos com Eribon (2008) quando diz que a homossexualidade não se define somente por uma classe de indivíduos determinada por preferências e práticas sexuais, mas seria antes um processo de sujeição coletiva e individual às normas sociais e sexuais. Assim, as falas dos participantes de nossa pesquisa são também falas de um coletivo, pois expressam enunciações coletivas. “O sujeito homossexual sempre tem uma história singular, mas essa própria história sempre tem relação com um ‘coletivo’ que é constituído pelos outros ‘sujeitos’ que são sujeitados pelo mesmo processo de ‘inferiorização’” (ERIBON, 2008, p. 78).

Observamos também que, apesar desses processos de sujeição, ainda é possível produzir modos ético-estéticos de existência, criando-se meios de driblar os efeitos das normas, das injúrias, da moral, do sexismo e da homofobia. Nessa perspectiva, os sujeitos podem tanto viver “fora do armário” (como se fosse possível viver totalmente e sempre fora dele), como podem criar estratégias, “dentro” dele mesmo, dando passagem aos afetos e ao desejo. Como mostra Eribon (2008:66)

[...] o armário também pode ser um espaço de liberdade e um meio – o único – de resistir e de não se submeter às injunções normativas [...] para muitos gays, ele ainda o é. Num sentido, e talvez de modo paradoxal, ele foi o meio de ter ‘orgulho’ quando tudo levava a ter vergonha. (ERIBON, 2008, p.66)

A partir dessa perspectiva, consideramos que o processo de “sair do armário” ao de “assumir-se” não deve ser pensado a partir de uma previsibilidade normativa, linear e polarizada (dentro OU fora). A problemática em questão seria: quais são as possibilidades estratégicas que os sujeitos desenvolvem para poder (ou não) circular e/ou transitar entre o dentro e o fora dos armários? E de que forma esses sujeitos podem estilizar e reinventar a própria homossexualidade?



Em termos do desejo, devemos nos questionar: como e sob quais circunstâncias o rizoma é bloqueado e quebrado? Quais forças normativas e relações de poder impossibilitam seu fluxo? Essas preocupações nos apontaram para alguns efeitos da homofobia: vergonha, culpa, vulnerabilidade à violência, medo, vigília de si, “paranóia”, captura às instituições e às regras, tristezas... enfim, vidas sem cor, sem expressão. “Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa, porque é sempre do rizoma que o desejo se move e produz” (DELEUZE & GUATTARI, 2009, p. 23).

No entanto, também pudemos acompanhar os movimentos de “possíveis”, por onde a reinvenção de si se produzia sem se deixar capturar por alguns discursos. Esses movimentos nos parecem ser significativos em relação às possibilidades de se criar modos de vida mais baseados numa relação ética consigo do que em regras morais irrefletidas. Em outras palavras, “sair do armário”, ou melhor, poder circular entre os “armários” é, na verdade, um complexo e contínuo processo: de subjetivação, de construções constantes de novos territórios existenciais, de embate de forças dominantes no registro social e de um trabalho ético sobre si mesmo.

O olhar e a escuta das narrativas, o registro das memórias e a análise dos movimentos do desejo compuseram nossa cartografia. Esperamos que as reflexões desenhadas neste espaço sirvam como elementos que incitem outros pensamentos, novas formulações, novas pistas sobre o fazer cartográfico, em especial nos estudos das sexualidades e de gênero. Se nosso intuito não era fornecer caminhos ou procedimentos de pesquisa, esperamos ter suscitado uma ampliação de reflexões possíveis nesse campo.

Bibliografia

BRAIDOTTI, Rosi. *Sujetos nómades. Corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea*. Buenos Aires: Paidós, 2000.

BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão da “pós-modernismo”*. *Cadernos Pagu* (11), 1998: pp. 11-42.

_____. *Problemas de Gênero – Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução de Peter Pál Pelbert. São Paulo: 34, 1992.

_____ & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia – Vol. 1*. Rio de Janeiro: 34, 2009.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Tradução Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.



- FERNÁNDEZ, Ana Maria. Las lógicas colectivas. Imaginários, cuerpos y multiplicidades. 2 edição. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2008.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade – A vontade de saber. Vol. 1. São Paulo: Graal, 1988.
- _____. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GUATTARI, Félix. Caosmose: Um novo paradigma estético. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia. São Paulo: 34, 1992.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu (5) 1995: pp. 07-41.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa In: FONSECA, T. M. G. & KIRST, P. G. (Org.) Cartografias e Devires: A construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- PASSOS, Eduardo & BENEVIDES, Regina. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; DA ESCÓSSIA, Liliana (Org.). Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- PRADO-FILHO, Kléber. Michel Foucault: uma história política da verdade. Florianópolis: Editora Insular, 2006.
- ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo. São Paulo: UFRGS Editora, 2007.
- SANTOS, Daniel Kerry. Homofobia, processos de subjetivação e construções de identidades de gênero na cidade de Assis. Pesquisa de Iniciação Científica / FAPESP / Universidade Estadual Paulista – Unesp - Orientador: Dr. Fernando Silva Teixeira Filho, 2009.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do armário. Cadernos Pagu (28), janeiro-junho de 2007:19-54.